

Título do trabalho:

A informação jornalística sobre mudanças climáticas no campo: um estudo sobre a divulgação da ciência e o produtor rural

Autor:

Rubens Antonio Neiva

Modalidade:

Comunicação Oral

Em quais subáreas o seu trabalho pode ser enquadrado?

Opção 1 - Comunicação científica e a interface entre ciência e sociedade-

Opção 2 - Circulação, apropriação e utilidade da informação sobre ciência na esfera pública

Opção 3 - Educação Científica e Tecnológica & Comunicação Científica

# A informação jornalística sobre mudanças climáticas no campo: um estudo sobre a divulgação da ciência e o produtor rural

## The journalistic information about climate change in the field: a study on the dissemination of science and the farmer

Autor: Rubens Antonio Neiva - Jornalista/Embrapa Gado de Leite; mestrando Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) / Unicamp (neiva.rubens@gmail.com).

### Resumo

As mudanças climáticas são o grande problema contemporâneo. No entanto, sua compreensão pela sociedade está aquém da grandiosidade dos desafios a serem enfrentados. Nesse sentido, a divulgação científica tem importante papel no esclarecimento e na percepção sobre a questão. O projeto que está em desenvolvimento no Programa de Mestrado na área de Divulgação Científica do Labjor/Unicamp visa estudar como a informação científica divulgada pela imprensa sobre o tema é percebido no meio rural, especificamente entre pequenos e médios produtores de leite. A metodologia híbrida a ser utilizada será inicialmente uma revisão bibliográfica sobre o tema, análise do conteúdo investigando as mídias e as entrevistas semi estruturadas. Acreditamos que a divulgação científica realizada pela mídia sobre mudanças climáticas não insere o produtor rural como parte efetiva do problema, não contribuindo na criação de um contexto favorável para mudanças de atitude que possam promover a produção sustentável e a mitigação dos GEE.

**Palavras chave:** Mudanças Climáticas, Jornalismo Científico, Agricultura.

### Abstract

Climate change is the great contemporary problem. However, their understanding by society falls short of the greatness of the challenges to be faced. In this sense, the scientific dissemination plays an important role in the clarification and insight on the issue. The project which is under development in the Master Program in the field of Scientific Disclosure Labjor / Unicamp aims to study how scientific information disseminated by the press on the subject is perceived in rural areas, particularly among small and medium producers of milk. The hybrid methodology to be used will initially review the literature on the subject, content analysis investigating the media and semi structured interviews. We believe that scientific disclosure made by the media about climate change does not insert the farmer as an effective part of the problem, not contributing in creating a favorable context for changes in attitude that can promote sustainable production and GHG mitigation.

**Key words:** Climate Change, Scientific Journalism, Agriculture.

## Mudanças Climáticas: contexto geopolítico

O Quarto Relatório do IPCC, publicado em fevereiro de 2007 se tornou um marco nos debates sobre mudanças climáticas ao atribuir o aquecimento global às atividades humanas (IPCC - 2007). O Relatório teve grande repercussão global pois sua publicação ocorreu ainda no calor de eventos meteorológicos extremos como o primeiro ciclone tropical registrado oficialmente no Atlântico Sul (furacão Catarina, que atingiu a costa do estado de Santa Catarina em março de 2004); a seca na região amazônica em 2005 e o furacão Katrina, que atingiu a região metropolitana de Nova Orleans em agosto de 2005, provocando centenas de mortes e prejuízos orçados na época em 81,2 bilhões de dólares.

Mesmo tendo como lastro tais eventos, o IPCC não conseguiu reduzir a inércia governamental na adoção de medidas que diminuíssem a pegada de carbono. Estudo publicado na *Nature Climate Change* revelam que as emissões globais de CO<sub>2</sub> em 2012 alcançaram 35,6 bilhões de toneladas - um aumento de 2,6% em relação à 2011. Comparado aos níveis de 1990, que balizaram as metas do Protocolo de Kyoto, o crescimento foi de 58%. Em nove de maio de 2013, os níveis de CO<sub>2</sub> na atmosfera, medidos em Mauna Loa, no Havaí, pelo *National Oceanic & Atmospheric Administration* (NOAA) atingiram, pela primeira vez, uma concentração diária de CO<sub>2</sub> maior que 400 ppm (partes por milhão) no ar. Segundo o professor do Departamento de Ciências da Terra e do Meio Ambiente e do Instituto da Terra da Universidade de Columbia, James Hansen, a concentração do CO<sub>2</sub> na atmosfera no ano de 1750, antes da revolução industrial, era de 280 ppm. Para Hansen, é crucial que reconheçamos imediatamente a necessidade de reduzir o dióxido de carbono para, pelo menos, 350 ppm, de modo a evitar desastres para as próximas gerações (HANSEN, 2013).

Embora os prognósticos da ciência apontem para uma situação catastrófica, a pergunta vem à tona: ainda há tempo de se evitar a perigosa interferência antropogênica no clima global? Parece haver um consenso entre os pesquisadores que sim. O primeiro passo para reverter a situação é informar bem à população sobre os perigos e as ações necessárias. Boas estratégias de divulgação científica, usando as ferramentas de comunicação de massa e do jornalismo científico são fundamentais. Imprensa e cientistas podem desempenhar um papel útil se colaborarem na comunicação e divulgação de informações sobre a história da mudança do clima à população de maneira crível e compreensível e como cada cidadão pode colaborar fazendo a sua parte.

Para que tais estratégias sejam criadas, é importante que se conheça os públicos aos quais elas se destinam, além de analisar a cobertura da imprensa sobre a questão. Esse é o objetivo do projeto de mestrado que está em andamento no Labjor/Unicamp. A pesquisa visa analisar o conhecimento do pecuarista de leite sobre o aquecimento global a partir das informações científicas que são veiculadas sobre o tema na imprensa. A escolha do público se deve ao fato da agropecuária ser um dos grandes emissores de gases de efeito estufa (GEE), além de ser o setor onde é possível promover uma grande mitigação desses gases.

Nesse sentido, o estudo proposto visa produzir um material que possa atender o pecuarista sobre as dúvidas e incertezas sobre o tema.

## Agricultura e mudanças climáticas

A agricultura sofre, em primeira mão, as consequências do aquecimento global e também é uma das principais causas do problema. Muito antes da máquina a vapor surgir, a atividade agrícola já contribuía para mudar o clima na Terra. Estudos do cientista americano, do Departamento de Ciências Ambientais da Universidade de Virginia, William Ruddiman, apontam que a agricultura promoveu uma súbita elevação na concentração de gás carbônico, há cerca de oito mil anos. Hoje o setor agrícola representa 13,5% das emissões anuais de CO<sub>2</sub>e (gás carbônico equivalente).

O aumento das temperaturas em decorrência do aquecimento global pode provocar perdas nas safras de grãos de R\$ 7,4 bilhões já em 2020. Número que deverá subir para R\$ 14 bilhões em 2070 e alterar profundamente a geografia da produção agrícola no Brasil. Isso é o que afirma o estudo "Aquecimento Global e a Nova Geografia da Produção Agrícola no Brasil", coordenado pelos pesquisadores Eduardo Assad (Embrapa Agropecuária) e Hilton Silveira Pinto (Cepagri/Unicamp) (EMBRAPA, 2008).

Segundo o IPCC, em 2005, o setor emitiu de 5,1 a 6,6 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub>e. Esses números levam em conta somente as emissões diretas do setor, formadas principalmente por gás metano (CH<sub>4</sub>), proveniente de gases entéricos e fezes do gado e dos alagados de arroz. Além do CH<sub>4</sub>, o óxido nitroso (N<sub>2</sub>O), emitido pelo uso de fertilizantes e queima de biomassa é outro importante CO<sub>2</sub>e. O IPCC aponta que as emissões anuais de N<sub>2</sub>O e CH<sub>4</sub> equivalem a 2,8 bilhões e 3,3 bilhões de toneladas respectivamente. Se a esses gases forem somados aos gases emitidos pela derrubada de florestas para a expansão da agricultura, as emissões do setor podem variar de 8,5 e 16,5 bilhões de toneladas de CO<sub>2</sub>e. No total, isso representa de 17% a 32% de todas as emissões antrópicas de GEE.

A adoção de técnicas como plantio direto, integração lavoura pecuária, sistemas agrossilvipastoris e redução do uso de fertilizantes podem fazer com que a agricultura passe de emissora de GEE a grande sumidouro de carbono. Segundo o IPCC, medidas de sequestro de carbono no solo, associadas a menores emissões de metano e óxido nitroso seriam capazes de mitigar quase 100% das emissões diretas do setor agropecuário. Mas tanto quanto "adaptar culturas", é fundamental que a cultura da sociedade urbana e do produtor rural estejam adaptadas ao novo momento que o planeta atravessa e a divulgação científica não pode ser mera coadjuvante.

## O jornalismo científico em tempos de mudanças climáticas

A divulgação da ciência e da tecnologia se tornou imprescindível no mundo moderno, transformado-se na estrela informativa do jornalismo no século XXI (FITIPALDI, 2004). Não há como não creditar ao jornalismo científico um importante papel na conscientização

sobre as consequências das ações antrópicas na mudança do clima no planeta. O aquecimento global e as mudanças climáticas, por cobrirem um amplo espectro temático - que vai das ciências do clima ao meio ambiente, passando pela química e pela sociologia - e por se relacionar diretamente com a vida do indivíduo, transformaram-se no tema de natureza científica de maior apelo midiático da última década. Mas o jornalismo científico possui limitações.

O olhar da imprensa para os temas científicos que elege como relevantes passa a refletir, em muitos casos, um regime de espetacularidade midiática, que deságua quase sempre em um tratamento superficial e sensacionalista. Não raras vezes, os fatos são distorcidos, exagerados ou camuflados em nome de um título mais chamativo, de uma chamada mais atraente. A mídia crê que precisa dramatizar, tratar como definitivos assuntos polêmicos ainda em estudo (Ibid). Em muitas reportagens sobre ciência em geral (o que inclui o clima do planeta), é possível observar não só a precariedade da cobertura da ciência, como também a visão fragmentada do método e do conhecimento científico, além da predisposição ou tendência ao superficialismo, ao sensacionalismo e à desvinculação dos assuntos tratados com a maioria da população brasileira. Esse modelo de jornalismo científico - somado à 'dureza' do discurso da ciência - pode criar no leitor mediano uma visão também fragmentada do problema, tornando-o incapaz, por exemplo, de estabelecer a relação entre a seca na região amazônica e um furacão na costa norte-americana.

O tratamento dos temas ambientais pela imprensa brasileira ganhou volume e seriedade depois da Rio-92. Mas ainda assim, continua sendo um assunto que mobiliza apenas parte dos formadores de opinião. Por outro lado, a capacidade do aquecimento global impactar tão seriamente na vida do homem sobre o planeta fez surgir nichos de público, alimentando uma "cobertura engajada". Por mais nobre que seja, o engajamento não contribui para tornar clara a percepção do problema por parte do leitor. Na produção da informação, a cobertura engajada leva invariavelmente o repórter a ter uma visão estreita dos fatos, contribuindo para dividir a questão entre mocinhos e bandidos.

O culto ao presente e ao individualismo na sociedade moderna também é outro complicador para que a questão das mudanças climáticas seja percebida de forma mais efetiva pela população. Debruçado sobre o eu e o agora, o homem contemporâneo volta sua atenção cada vez menos para o outro e o amanhã. Como reflexo da sociedade, que a retroalimenta, o jornalismo potencializa o culto ao presente. Agostinho Vieira, responsável pela coluna "Eco Verde" do jornal O Globo, em artigo publicado no livro Desenvolvimento Sustentável 2012-2050 - Visão, rumos e contradições, levanta uma questão interessante sobre a fragilidade do jornalismo na construção de um mundo sustentável: A importância cada vez maior do flagrante, os vídeos no You Tube, as transmissões ao vivo e a atualização frenética dos sites de notícia são sinais do desejo pelo presente. E como conciliar esse exagerado foco no eu e no presente com todos os desafios ambientais que são basicamente coletivos e futuros? (ALMEIDA, 2012).

Embora seja difícil encontrar quem seja contrário ou não se sensibilize com a questão, esse continua sendo um tema elitista, de mobilização restrita e difícil compreensão. A maioria das pessoas não consegue estabelecer uma correlação entre os desastres ambientais e a ação humana predatória. Os meios de comunicação não demonstraram com clareza, para todos os segmentos da sociedade, o tamanho do desafio, da dureza das escolhas e da falta de saídas simples que é conter a emissão de GEE. Segundo Vieira: "Para grande maioria dos brasileiros, falar sobre meio ambiente continua sendo discutir a preservação dos bichinhos e das plantinhas (...) e a imprensa brasileira tem boa parcela de responsabilidade" (Ibid).

No meio rural - onde está parte da causa e da solução do aquecimento global - a participação da imprensa na divulgação científica de ações para mitigar a emissões de GEE praticamente inexistente. No que diz respeito ao aquecimento global, o homem do campo tem as mesmas fontes de informação do público urbano. As responsabilidades do campo no processo de aquecimento global ficam diluídas, o que dificulta a mudança de consciência e a adoção de ações que busquem a sustentabilidade ambiental.

A proposta desse projeto será apresentar um produto que possa conter essas informações sobre as mudanças climáticas e o papel do produtor rural nessa cadeia cidadã, em que cada cidadão tem o seu papel a desempenhar na Aquecimento Global.

## Referências

ALMEIDA, Fernando. Desenvolvimento sustentável, 2012-2050: Visão, rumos e contradições / Fernando Almeida. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

EMBRAPA - Aquecimento Global e a Nova Geografia da Produção Agrícola no Brasil / Brasília: Embrapa, 2008.

FITTIPALDI, Maristela - O espetáculo da ciência na mídia: uma leitura ética / Maristela Fittipaldi. Orientador: Geraldo Nunes. Rio de Janeiro: UFRJ/ ECO, 2004. 332 p. Tese - Universidade Federal do Rio de Janeiro / Escola de Comunicação

HANSEN, James. Tempestades dos meus netos: mudanças climáticas e as chances de salvar a humanidade / James Hansen. São Paulo: Editora Senac, 2013.

## Sites consultados

National Oceanic & Atmospheric Administration. <http://www.noaa.gov> (05/08/2014).

Painel Governamental Sobre Mudanças Climáticas - <http://www.ipcc.ch> (10/08/2014)